

Do precipício tempestuoso do teatro mestriano

Rui Pina Coelho



Luís Mestre, *Do precipício tempestuoso de Ricardo III*, prefácio de António Durães, Vila Nova de Famalicão, Húmus, 2013, 119 pp.

Luís Mestre, actor, professor de teatro, director artístico e fundador da companhia Teatro Nova Europa, encenador e dramaturgo, tem vindo a dotar a sua voz dramática de uma invulgar sobriedade e assumindo-se como uma das mais interessantes presenças da nova dramaturgia portuguesa.

Antes de *Numa certa noite* ter sido distinguida no concurso "Isto não é um concurso", uma iniciativa dos Artistas Unidos e apresentada em co-produção com o Festival de Almada, em 2008 – momento da sua estreia como dramaturgo –, Mestre traduzira já Edward Bond – *Coros para depois dos assassinatos*, para uma encenação de Paulo Castro (Teatro Art'imagem, 2002) –, David Mamet – *American Buffalo* e *O bosque*, com encenações suas, para o Teatro Art'imagem, em 2003 e 2004, respectivamente – e Eric Bogosian – *Wake up and smell the coffee*, também

com encenação sua (Teatro Nova Europa, 2006). Como encenador, para além de Mamet e Bogosian, tem trabalhado textos de autores como Rainer Werner Fassbinder, Lars Nören, Enda Walsh, Mickael de Oliveira, Jacinto Lucas Pires, Ana Mendes ou Sarah Kane, entre outros.

Assim, autor habituado à dramaturgia contemporânea e de convívio fácil com os modos de composição dramática da contemporaneidade, Mestre foi maturando a sua escrita partindo de uma posição interina à criação teatral, absolutamente imerso nas circunstâncias de palco, o que faz dele um autor verdadeiramente consciente da especificidade genológica do texto dramático e hábil na relação entre a palavra escrita e a sua configuração cénica.

Como dramaturgo assinou já vários títulos que o vão confirmando como uma voz incontornável no que diz respeito à literatura dramática portuguesa deste início de século: *Os que sucedem* (2009); *Num dia qualquer* (2009); *Agora sou Medeia* (2010); *A manhã, a tarde e a noite* (2010, texto vencedor do Concurso INATEL / Teatro Novos Textos, seleccionada pelo ETC – European Theatre Convention / Europe Theatre Today 2012); *Scherzo para o Sr. Ministro da Cultura ou uma conferência de imprensa* (2010); *À procura de Ricardo III* (2011); *Quando a noite cai* (2011, menção honrosa do Concurso INATEL / Teatro Novos Textos 2012); e *À meia noite estarei perdida para o mundo* (2012). Sobre o conjunto da sua obra – publicada sob o título *Teatro* (Húmus, 2012) – escreveu Alexandra Moreira da Silva:

[N]ão estamos na presença de uma dramaturgia intimista, solipsista e muito menos autofágica, mas muito mais de um "drama íntimo" que cruza realismo e onirismo, diálogo e soliloquio íntimo, intersubjectividade e intrasubjectividade, situando o trágico no quotidiano. (...) No diálogo com os clássicos ou no diálogo com a realidade, Luís Mestre é certamente um desses sonâmbulos que velam sobre o mundo real a que Jean-Pierre Sarrazac chama "autores de teatro do início do século XXI", consciente da exacta responsabilidade de escrever teatro (Silva 2012: 8, 12).

A peça *Do precipício tempestuoso de Ricardo III* parte de um elaborado diálogo intertextual com *Richard III*, de William Shakespeare, e, em particular, com a terceira cena do Acto V, em que este herói-vilão é visitado pelos fantasmas daqueles que assassinou. Esta cena sùmula em que Shakespeare faz desfilar as vítimas de *Ricardo III* pela ordem por que foram mortas, é apropriada pela mão de Mestre e transformada numa fina paródia do seu

material de origem. Isto não significa que o texto resvale para a pulverização do seu referente – pelo contrário: a peça de Mestre conserva a pulsão fantasmática da cena de Shakespeare e o diálogo que com ela estabelece é muito próximo, mantendo contextos e nomes de personagens –, mas atira-a para um território que lhe é estranho. Assim, onde em Shakespeare está um Richard III num acampamento de batalha, no último descanso antes de ir defrontar Richmond, aquele que lhe reclama a coroa, temos agora um Ricardo que surge num ambiente, no mínimo, inesperado:

Uma sala. Um homem, nos seus cinquenta, sentado numa cadeira de rodas. Veste um fato de corte fino. Tem parte de um taco de bilhar a fazer de tala numa das pernas. Atrás de si, um suporte vazio para soro, um candeeiro de pé clássico e belo e a caixa do taco de bilhar. A seu lado, uma poltrona com uma pasta de anotações médicas. Escuro. (p. 85)

Temos então um monólogo ruminante, escrito num verso livre, prosaico, que vai convocando a narrativa ricardiana e que a dissemina por um imaginário de quotidiano contemporâneo. Ricardo surge, assim, numa sala de hospital, ansiando por um copo de whisky, bebida que vai insistentemente pedindo e que se torna no disfórico refrão do texto – “tragam-me um whisky”, “alguém me pode trazer um whisky?”, “um whisky”, “tens alguma coisa que se beba?”, “Um whisky/ ah/ traz-me um whisky”, “whisky!”, “Preciso de um livro de orações. E um whisky. Puro”, – até se transformar no paródico: “Um whisky. O meu reino por um whisky”.

Dividido em quatro cenas, ao longo delas desfilam – mas apenas na mente da personagem principal – várias personagens oriundas da peça de Shakespeare (ou, se quisermos, da história de Inglaterra): Clarence, Ana, Henrique e Buckingham, que vão servindo de estímulo às reminiscências de Ricardo. A pontuar toda a peça,

existe a figura de um enfermeiro – que surge pela primeira vez descrito como um “espectro” – e que vai sendo confundido com os interlocutores ausentes de Ricardo, e ocupando-se das pequenas tarefas hospitalares. *Do precipício tempestuoso de Ricardo III* é, pois, um inteligente exercício de pastiche e deformação de um texto que, curiosamente, tem na deformação (física e moral) um dos seus temas centrais.

Mas o dado mais curioso da publicação deste texto é o facto de serem apresentadas, em sequência, três versões do mesmo texto. Assim, depois do breve prefácio de António Durães, actor que interpretou a peça e acompanhou as diferentes fases de desenvolvimento do projecto (“Uma ideia para um trono”), publica-se uma primeira versão intitulada “À procura de Ricardo III” (pp. 13-50). Trata-se, por assim dizer, da versão “literária” da peça, escrita a montante do espectáculo. A segunda versão (pp. 51-82) é a utilizada para as apresentações no Grande Auditório da Casa das Artes de Famalicão, a 4 e 5 de Novembro de 2011 e no Teatro Académico Gil Vicente (Coimbra), a 9 de Novembro de 2011. Estas duas versões têm porções em negrito que “são de uma segunda voz, que poderá estar em *off*”. Mas não há diferenças radicais. A segunda versão é, em rigor, uma versão dramaturgicamente há, porém, mudanças subtis: alteração de frases, supressão de passagens, reescrita de excertos. Ou seja, os processos habituais que ocorrem na quase esmagadora maioria das montagens de textos originais. O que é curioso é que o autor decidiu aqui deixar registo documentado do processo de criação e do embate entre a cena e a palavra escrita, conduzido por um autor que se transforma em encenador e por um actor que esteve sempre presente e animando a própria escrita. Portanto, trata-se aqui de um texto que, não obstante, a assinatura de Luís Mestre, partilha várias responsabilidades autorais. E repete-se, assim, o que acontece na quase esmagadora maioria das montagens de textos originais.



A versão “final”, já titulada “Do precipício tempestuoso de Ricardo III” (pp. 83-114) é a utilizada para a apresentação no TeCA – Teatro Carlos Alberto (Porto), de 21 a 24 de Fevereiro de 2013, resultante do trabalho realizado por Durães e Mestre na fixação final – e apropriação cénica – do texto. Autor e actor encetaram uma viagem que, ao final de dois anos de íntimo trabalho colaborativo, foi tendo estações intermédias e que, graças à invenção de ambos, foi ganhando a sua versão de palco. Mas, sobre esta íntima dependência, escreve o próprio autor no posfácio que acompanha esta edição (“De um paralítico para os que dançam”).

Aqui, no Teatro Europa, a palavra dos (nossos) autores tem lugar em corpos inteiros. É comida, deglutida, dobrada em corpos perfeitos. Dobra-se a língua em corpos não amputados, em corpos canibais, suicidas, que se desgastam de uma forma própria, única, singular, um desgaste que vem de dentro: o do actor, Ah e como é bom vê-lo a dizer, falar, mexer-se, dançar, reescrever. Mostrar o seu saber. Alimentar-se. Executar-se! Ver a verdadeira leitura: a do corpo do actor, Porque é nele que tudo acontece e pronto, O único lugar, Apenas nele. (p. 116)

Do precipício tempestuoso de Ricardo III, para além de um texto que atesta a vitalidade da literatura dramática portuguesa neste tumultuoso princípio de século e, em particular, da dramaturgia de Luís Mestre, é um interessante caso que mereceria uma exploração ao abrigo da genética teatral e que pode servir a férteis discussões sobre a especificidade do texto dramático – essa coisa tantas vezes declarada extinta.

Referência bibliográfica

SILVA, Alexandra Moreira da (2012), “480 minutos / dividindo por 211 / dá virgula 27” ou A exacta responsabilidade de escrever teatro”, in Luís Mestre, *Teatro*, Vila Nova de Famalicão, Húmus, pp. 7-12.

< >

Do precipício tempestuoso de Ricardo III, de Luís Mestre, Teatro Nova Europa, 2013 (António Durães e Luís Mestre; < > António Durães), fot. João Tuna/TNSJ.